

tanto modificada, fallam hoje: confesso, Ex.<sup>mo</sup> Sr., que me sinto corrido de vergonha ao ter de relatar que a *Camara Municipal de Braga*, esquecida dos seus deveres de guardadora das tradições da cidade augusta, e desvairada pelo fulgor de um punhado de pintos de prata que a venda (*proh pudor!*) do terreno e das pedras do castello lhe renderia, procura traçar um risco de tinta negra no brasão da cidade, no qual precisamente se vê, em duas torres, uma allusão ao monumento ameaçado!

Mais vale prevenir a tempo um desvario, do que por fim ter de chorar pelo que já não tem remedio. Não possui Braga tantos monumentos, que não necessite de zelar a integridade d'este. Não está Portugal tão miseravel, que se veja forçado a pôr em almoeda as venerandas folhas da sua Historia. Obstemos a que os estrangeiros mais uma vez nos acoimem de barbaros, e que os nossos vindouros tenham mais um motivo para se queixarem de que nós lhes transmittimos por herança destroços e labeus.

Braga, 17 de Agosto de 1905.

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS,

Director do Museu Ethnologico Português, Membro do Conselho dos Monumentos Nacionaes.

## Um erro de amanuense nas Inquirições de D. Affonso III (C. Sancti Salvatoris d'Arcus)

### I

Quem, conhecendo a respectiva toponimia local, for ler no antigo Tombo de Santa Comba de *Guilhafonxe* (julgado de Valdevêz) as confrontações d'esta freguesia no anno de 1541, notará que a contiguidade das suas balisas, minuciosamente descritas, com as da freguesia de *S. Paio dos Arcos*, foi rota em tempos posteriores pela interposição de outra freguesia denominada do *Salvador da Villa*. O perimetro d'esta desenrola-se hoje por terras a que, ainda em 1541, os fregueses de *Guilhafonxe* podiam chamar todas ou quasi todas suas. O burgo ahi nascente, que já em 1518 merecia o foro de villa (Carta de D. Manoel de 4 de julho de 1518, Liv. 5.<sup>o</sup> dalem Douro, fls. 120 v) e que aumentara rapidamente em *povoraçam*, teria sido depois motivo bastante para a sua emancipação ecclesiastica da velha matriz de *Guilhafonxe*, que lhe ficava de mais a mais afastada para alem de 2 kilometros por encosta acima.

Folheando porém os *Portugaliae Monumenta Historica* encontra-se, nas *Inquirições* de D. Affonso III (A. 1258) e julgado de Valdevêz, uma *collatione Sancti Salvatoris d'Arcus*, e facil illação é tomar esta como directa ascendente da actual do *Salvador da Villa*, tanto mais que com nenhuma outra invocação parochial do moderno concelho pôde acertar aquelle titulo.

Sabendo-se que já antes de D. Manoel o logar, onde agora é o Salvador, se chamava dos *Arcos* e que ahi mesmo é hoje a villa e o Salvador da Villa, aquella relação parece saltar aos olhos.

A contradição entre as duas fontes diplomaticas é patente.

Á face do Tombo de Guilhafonxe, em 1541 não existia, como hoje, situada entre os limites d'esta e os de S. Paio, a freguesia do Salvador da Villa, pois que aquellas duas eram contiguas; em 1258 a Inquirição encontrou no *judicato* de Valdevêz uma *collatione Sancti Salvatoris d'Arcus*, que arrolou. Cotejando a serie de denominações de *collationes* do antigo julgado de *Valle de Vice* com a correspondente lista das freguesias do moderno concelho dos Arcos de Valdevêz, cujas fronteiras em ambos se confundem e sobrepõem, com excepção de pequeno retalho, não se encontra para identificar sob esse aspecto com a antiga *Sancti Salvatoris d'Arcus* senão a actual do Salvador da Villa (dos Arcos). E comtudo, a dar fé ao Tombo parochial, em 1541 ainda não existia o Salvador; a julgar pelas Inquirições, em 1258 já havia esta *Sancti Salvatoris*. Que solução tem pois esta discrepancia?

## II

Vejamos em primeiro logar o grau de fé historica que merecem as duas fontes de informação.

Os tombamentos das freguesias eram feitos por individuos nellas residentes, e os primeiros interessados na verdade e na exacção da empresa, precedendo citação dos fregueses confinantes e dos respectivos parochos; os logares eram descritos com toda a minuciosidade, as distancias medidas com maior ou menor rigor e em muitos logares, ou ficavam solidamente collocados marcos fronteiros com as designações das freguesias limitrophes, ou na rocha e até em megalitos se abriam sinaes indeleveis; de tudo o que se fazia menção no auto do tombamento. Ora o original d'este Tombo de 1541 existe e pôde ainda compulsar-se por estar appenso ao Tombo da actual freguesia do Salvador, com o qual se conserva no cartorio d'esta igreja.

O valor diplomatico do que hoje nos ficou das Inquirições não é incontestavel. Aquellas a que me refiro foram feitas no tempo de D. Af-

fonso III e confiada a sua execução a varias commissões ou alçadas, das quaes a primeira inquiriu Entre-Cavado-e-Minho. No prologo do vol. I, fasc. III, dos *Port. Mon. Hist.* (Inquisitiones), lê-se: «o que nos resta dos seus trabalhos encontra-se no liv. IX das Inquirições de D. Affonso III desde fl. 48 até o fim do volume. Infelizmente porém o texto que elle nos fornece, copia, sem duvida, de outro exemplar mais antigo, attento o grande numero de additamentos marginaes de palavras e phrases, que o copista ommittiria por inadvertencia ou outras causas, não póde de maneira nenhuma considerar-se como fiel transcrição das actas primitivas».

E logo abaixo: «a primeira redacção soffreu profundas alterações e largos córtes, quer de uma só vez, quer passando de copia para copia».

Os eminentes redactores dos *Portugaliae Monumenta* previnem-nos pois das inexactidões que os textos publicados acaso contenham, introduzidas pelos copistas e amanuenses, para quem a exacção toponimica era impossivel.

Na hypothese especial, de que me occupo, haverá erro de texto? É o que vamos ver.

### III

Nas Inquirições de D. Affonso III (Inquisitiones, pag. 388) lê-se, na parte que trata do *judicato de valle de vice*:

«Item, in collatione Sancti Salvatoris d'Arcus. . . .jurati dixerunt: que el Rey non é padrom. Item, que é Couto per padrões, et que o coutou Rey don Alfonso o primeiro, (et aqui seive primeiramente o moesteiro d'Armelo, et dixerunt que aqui o coutou el Rey don Alfonso Iº, et o abbade et os fratres sacarom no daqui et poserom no in aquel logar que chamam Armelo). Item, dixerunt que a *quintana de Vilarino* que era do Chanceler don Stephano Johannis, et que a coutara el Rey don Alphonso de Portugal et Conde de Bolonia a seu amo Johanne Garcia padre deste davandito chanceler. Item, dixerunt que fora destes coutos a uno logar que chamam *aldeya*, et dam em cada ano al Rey de fossadeira pro Januario j. cabra. Item, da erdade do *Porto* j. soldo. Item do *Outeiro* j. soldo. Et pectam voz et caomia, et vam in anuduva».

Na actual freguesia do *Salvador* não existem logares com aquellas denominações de *quintã de vilarino*, *aldeia*, herdade do *Porto* e *Outeiro*; ao contrario, pelo menos um nome designativo de um logar e o mais importante de S.<sup>ta</sup> Columbe de Guilifonxe ainda se encontra no amago da freguesia do *Salvador*, como veremos.

Por outro lado, se procurarmos entre as *collationes* das Inquirições uma igreja ou freguesia de que ha menção no tempo de D. Tareja, a de *S. Pedro dos Arcos*, baldada será a nossa pesquisa; mas poderemos notar, conhecendo e comparando as toponymias, que os logares dados nas Inquirições como de *S. Salvador d'Arcus*, e não conhecidos hoje no Salvador da Villa, pertencem á tal freguesia ommissa de *S. Pedro dos Arcos*, e ainda se conservam com as designações respectivas.

A pronta conclusão que d'aqui emerge, é ter havido um erro de amanuense na copia das primitivas actas das Inquirições de D. Affonso III, escrevendo-se *Sancti Salvatoris d'Arcus*, aonde estaria *Sancti Petri d'Arcus*: equivoco que teve até agora a velá-lo a coincidencia singular de existir no concelho dos Arcos, desde o sec. XVI, uma freguesia denominada *S. Salvador* ou do Salvador da Villa, formada na sua quasi totalidade com parte da area da antiga Guilhafonxe. E é por esta causa que alguns logares (*Arcos* e *Salzedá*), pertencentes a esta freguesia ainda no sec. XVI e com mais razão no tempo das Inquirições de 1258, estão presentemente na area de *S. Salvador*.

Este é o resumo da questão e a maneira de a resolver. Vamos agora ás provas.

#### IV

Parece-me que o processo mais logico é ordená-las chronologicamente. Temos pois:

##### 1.º (1114-1128)

Estas datas representam o anno da viuvez de D. Tareja e aquelle em que D. Affonso Henriques começou a ser considerado rei.

Um documento de 1388 demonstra que no tempo d'aquella rainha, isto é, muito anteriormente ás Inquirições de D. Affonso III, uma igreja ou freguesia de *S. Pedro d'Arcos* já existia no julgado de Valdevêz. É uma carta de D. João I, na qual se faz ao mosteiro de Ermello (vizinho de *S. Pedro d'Arcos*) doação das igrejas de Soajo e de Britello para os frades se poderem manter nelle. Nessa carta se diz que a rainha D. Theresa fundára o dito mosteiro, dotando-o com rendas e herdades e o deixára incompleto, no estado em que ainda se achava ao tempo de D. João I, mas dispusera que, se elle se não pudesse manter, «se tornasse a *S. Pedro d'Arcos* que hé no julgado de Valdevêz». Esta carta é datada de Braga, em 5 de janeiro da era de 1426 (A. 1388) (Veja-se no Archivo Nacional o liv. 1.º de D. João I, fl. 178, e liv. 2.º do mesmo, fl. 60).

Ainda hoje Ermello ou Santa Maria de Ermello não fica distante de *S.ª Maria do Valle* (*S. Pedro dos Arcos*), e a architectura da igreja

em estilo romanico, da qual me hei de occupar, não desdiz da noticia que a carta fornece<sup>1</sup>. Comtudo nas Inquirições de 1258, no julgado de Valdevêz, omitta-se esta freguesia, que é por assim dizer, central.

## 2.º (1258)

Data das Inquirições. Segundo estas, existia então uma *collatione S. Salvatoris d'Arcus*. No proprio texto das Inquirições, acima transcrito, se pôde verificar o equivoco do copista, que por inadvertencia escreveu *S. Salvatoris d'Arcus* aonde no original devia estar *S. Petri d'Arcus*.

Na freguesia actual de S. Pedro d'Arcos (hoje designada S.<sup>ta</sup> Maria do Valle) ha os logares de *Villarinho*, *Aldeia*, *Porto* e *Outeiro*, que correspondem aos descritos nas Inquirições, não existindo pelo contrario na actual do Salvador nem memoria d'elles.

Alem d'isto o territorio da presumida *S. Salvatoris d'Arcus*, se esta fosse a antecessora do Salvador da Villa, estava já abrangido pela de Guilifonxi. E embora não haja documento das confrontações d'esta, proveniente d'esta epoca, ha o Tombo autentico d'esta freguesia de 1541 e por elle se vê que o territorio de Guilifonxi ainda incluia o que poderia ser attribuido á *C. S. Salvatoris d'Arcus*.

Em 1258 esta *collatio*, considerada como predecessora do Salvador da Villa, devia occupar o seu actual assento, isto é, intercallada a *Guilifonxi* e *S. Pelagius d'Arcus*; ora nessa epoca, como em 1541, (e antes, em 1515—foral) estas duas freguesias eram limitrofes. Um logar ou sitio pelo menos de *Guilifonxi*, dentre os referidos nas Inquirições de 1258 e ainda hoje reconhecivel; pertencia ainda em 1541 á mesma freguesia, estando comtudo num ponto que devia pertencer ao nucleo da *collatione* de S. Salvador d'Arcus, se esta existisse, e ser limitrophe da vizinha S. Pelagius. Esse sitio era já provavelmente um povoado e chamava-se *Arcos*; ali tinha, no dizer das Inquirições, El-Rei um

<sup>1</sup> A pequena divergencia de informação que se pôde notar entre as Inquirições, que adiante transcrevo, e a carta acêrea da fundação de Ermello não tem importancia para o nosso caso, que versa somente sobre a existencia de S. Pedro d'Arcos em 1258. Em antiga necropole junto á actual igreja d'esta freguesia encontrou-se uma inscripção sepulcral, ao parecer do sec. XII ou XI, que dá já a entender a existencia do mosteiro ali. (Vid. *O Arch. Port.*, vol. VII, a pag. 81). Deve examinar-se a carta, que é uma ampliação de parte do mappa n.º 4 da commissão geodesica. Ermello era nesse tempo do julgado de Soajo, freguesia que lhe fica a jusante, sobre a margem direita de Lima.

reguengo, composto de varias leiras demarcadas<sup>1</sup>. Hoje a villa assenta ahi mesmo e por isso é que conservou o seu nome.

Em summa, sendo como eram confinantes em 1258 *Guilifonxi* e *S. Pelagius*, visto que aquelle logar estava na fronteira de uma com a outra, não havia espaço para a de *S. Salvatoris*, que a existir, devia ter sido ali.

Quem não conhece os logares, deve lançar os olhos á carta. No logar onde se vê a villa, está a actual freguesia do Salvador que se formou de um bocado de Guilhafonxe, assim pois cerceada. Ahi mesmo eram em 1258 as extremas de *Guilifonxi* e *S. Pelagius* e hoje são as do Salvador e Sampaio, proximamente concordantes. O limite divisorio não era o natural, o rio, mas uma linha que cortava ao meio o povoado, de norte a sul, como hoje.

Alem d'isto ha um argumento indirecto, a que já me referi, para mostrar o equivoco da copia das Inquirições. É a omissão no julgado de *Valle de Vice* da freguesia de S. Pedro dos Arcos, já então existente, como se deduz do documento n.º 1. Como é que esta freguesia não apparecia nas Inquirições?

### 3.º (1307)

O argumento fornecido pelas Inquirições do anno 1307 (E. 1345) é primordial. Referem-se ellas ás freguesias de *Guyllhyfoxj* (sic) e *Sam payo dos Arcos*, incluindo tambem a de *S. Pedro Darcos*. Não se encontra porém a de *S. Salvatoris*.

Em *Guyllhyfoxj* nomeiam-se os logares do *Pomar* e do *Geestal* e os casaes de *Suzedello* e do *Outeiro* (o 1.º e o 4.º são reconhecidos), e em *S. Pedro Darcos*: quinta do *Penedo*, casal de *Surribas* (ou *So-ribas?*), *Sudros*, *Riba-Fontaa*, *Souto*, *Trastora*, *Soadevesa*<sup>2</sup>, *Tora*, *Travessas de Jusaas*, logar do *Outeiro*, *Varzea* e *Penacova* (d'estes, todos se conservam na mesma freguesia, excepto *Sudros* (?) que não se reconhece e duvidosamente *Travessas de Jusaas*). Isto é bastante para identificar

<sup>1</sup> A vizinha *Collatione Sancti Pelagii dos Arcos* occupava parte d'esse povoado, a julgar da sua denominação. Hoje ainda assim é.

<sup>2</sup> É ainda hoje a pronuncia popular. Na linguagem de gente qualificada diz-se já *Subdevesa*. Como demonstrou o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos, em *O Arcoense*, n.º 857, a decomposição é *so-a-devesa*, que instinctivamente traduzem por *sub-devesa* (quando muito devia ser *sub-a-devesa*). Mas evidentemente o melhor é dizer *soadevesa*; quem assim o não faz, teria que ser coherente e dizer tambem *Sublevada*, *Subtorre*, *Subvinha* e não *Soalevada*, *Soatorre*, *Soavinha*, como é geral, a respeito d'estes logares.

a região e demonstrar a omissão das Inquirições de 1258. As Inquirições de 1307 estão ineditas, mas podem ver-se no Archivo Nacional, liv. IX das Inquirições de D. Dinis.

#### 4.º (1515)

É a data do foral de D. Manoel dado á *terra e cõçelho de valdevez*.

D'este documento consta a existencia das freguesias de Guilhafonxe e de S. Pedro dos Arcos, ambas já muito mais antigas, como temos visto. Do Salvador porém não se faz menção alguma. Isto já era importante para a minha questão; mas o melhor argumento não é este. O foral, pois, não só omitta o Salvador, mas localiza alguns nomes topicos de Guilhafonxe, nomes ainda hoje em vigor, e que se acham no territorio da moderna freguesia do Salvador, pertencendo então á area de Guilhafonxe.

Transcrevo:

«Freguesia de *Gilhafomsse*.

«Item alvaro soeiro traz muitas herdades e casaes que lhe foram apegados s. tem na *balleta* hũa leira, que vay topar ao Ryo e entra no campo de vasquo amã e trazem Joham Vaaz paga cadano hũm alqueire de trigo.

Item na *balleta* hũa leira que traz trõpeta paga hũa galinha. Item, hũa leira a cabo do *tello* que parte de hũ cabo com a Igreja e do outro com lourço damtas e entesta na Ryba deçima e do outro no Ryo. Item hũa peça em *calzeda* e parte com lourço damtas dambos os cabos e vae topar ao Ryo».

Esta parte é a que me interessa.

A *balleta* (mais abaixo escreve *balhêta* (que é ainda a pronuncia local) é hoje um pequeno bairro da villa, contiguo á igreja da freguesia do Salvador, embora em nivel bastante inferior e marginal do rio. Em 1515 (como aliás já antes) chegava ahi o territorio de Guilhafonxe, á qual pertencia a *balhêta*. Alem d'isto, este sitio está no que já no tempo das Inquirições de 1258 se chamava o *logar dos arcos*; são pois inseparaveis.

*Calzeda* é erro de amannense; diz-se hoje, como em 1258, *Salzeda*<sup>1</sup>; é um sitio que não podia deixar de pertencer a S. Salvador, se esta existisse e existindo tambem *S. Pelagius* (Sam Payo dos Arcos) como freguesia contigua; aliás, não haveria cabimento para S. Salvador. Alem d'isto *Salzeda* está situada entre a *balhêta* e a séde de Guilha-

<sup>1</sup> «Item, in *Salzeda* j. leira».

fonxe; pertencendo este logar a esta freguesia, era absurdo que aquelle não pertencesse tambem.

Estes argumentos são porém reforçados pelo seguinte, ainda mais explicito e posterior em data.

#### 5.º (1541)

O dia 14 de novembro de 1541 é o que data o Tombo antigo da freguesia de Santa Comba de Guilhafonxe, codice que ainda se conserva no cartorio da igreja do Salvador<sup>1</sup>.

Neste documento faz-se a minuciosa descrição dos limites d'aquella parochia. Esta descrição não deixa duvidas acêrca do nosso caso. Santa Comba de Guilhafonxe abrangia o actual territorio do Salvador<sup>2</sup>. Esta ainda não existia, quanto mais no tempo das Inquirições. A freguesia limitrophe de Guilhafonxe, na area onde hoje é o Salvador, era S. Paio.

Assim pois, a linha de limite por este lado começava no rio subindo mais ou menos direita ao Pelourinho, que então se erguia a meio da villa, continuando na direcção do sul, paralelamente ao rio. Tudo isto era já naquelle tempo *villa* (como vimos), o antigo logar dos *Arcos*, das Inquirições, e por mera coincidência casual é ahí hoje a freguesia do Salvador. Não pôde portanto ser a *Sancti Salvatoris* das Inqui-

<sup>1</sup> Este Tombo está appenso ao do Salvador feito em 1786, ao qual serviu de base. Guilhafonxe, freguesia muito antiga, veio a ser na sua decadencia annexada ao Salvador, erecta só no meio do sec. xvi, como veremos, depois de ter sido una das duas que inscreviam a villa, já como tal, em seu perimetro.

<sup>2</sup> Palavras textuaes: "... Da pedra da Garça pelo rio abaixo á villa ao Pellame do Corceiro (correeiro?) pelo valle arriba ao marco que está detrás da ermida de S. Sebastião, d'ahi pelo Pelourinho, direito para a rua e estrada para Ponte, ..." etc. O pellame já não existia no sec. xviii; no logar da ermida de S. Sebastião é desde o seculo xvii a sacristia da igreja do Espirito Santo, proxima da de S. Salvador; o Pelourinho estava então (1541) no centro da villa. Esta linha recta da ermida de S. Sebastião ao Pelourinho é descripta assim em 1786 (data do mais moderno Tombo): «E dahi a face do mesmo Rio Vez vai dar ademarcacção em hum penedo que fica em pouca distancia do Moinho chamado do Espirito Santo para aparte do Sul no qual penedo que serve de marco esta gravado na face que faz para o Ceo humas letras que dizem «S. Payo» sitio a que chamavão o Pellame de Corceiro por haver tradição que ahí o ouvera; e sitio finalmente em que espedem os limites de Giella e principia esta da Villa dos Arcos ademarcar e confrontar com a de São Payo da mesma Villa. Do ditto penedo vai partindo ademarcacção e medição do Nascente para o Poente e em linha recta agoas vertentes para esta freguezia vai dar ademarcacção no cunhal da Sacristia da Igreja do Espirito Santo (que algum dia foi a Ermida de Sam Sebastião) sim no cunhal que fica para o Norte e sahe na mesma direitura huma vara adiante do cunhal da capella mor da ditta Egreja digo Capella mor da

rições, orago inventado por incuria de um escriba. Se esta freguesia já existisse, o seu territorio, unico presumivel, como já vimos, não faria parte de Guilhafonxe; devia ser descrito como tal, isto é, separadamente.

#### 6.º (1549)

Um dos melhores templos da villa, pelas dimensões e pela rica obra de talha do fim do sec. XVII, é o do Espirito Santo, onde se acha installada uma notavel confraria, originariamente só de clerigos. No seu cartorio existe um volume dos Estatutos, de onde se auferem noticias de historia local<sup>1</sup>, noticias que nos interessam agora, porque nos revelam as datas entre as quaes deve collocar-se a fundação do Salvador<sup>2</sup>.

A instituição da Confraria do Espirito Santo tinha-se dado, segundo referencia da acta de uma reunião celebrada em 7 de junho de 1593, proximamente 44 annos antes, isto é pois, em 1549 e ainda em 1624 se diz que esta irmandade se achava estabelecida na igreja do Salvador, inferindo-se dos documentos que em 1678 já tinha igreja propria. Já pois existia em 1549 a parochia do Salvador, no territorio que fôra de Guilhafonxe, tendo assim realizado uma quasi profecia inconsciente o copista das Inquirições.

---

mesma Igreja de sorte que vem a ficar dentro dos lemites de Sam Payo a capella mor da ditta Igreja do Espirito Santo e huma vara do Corpo da mesma Igreja e todo o mais resto dentro da desta freguezia da Villa dos Arcos sem que o Abade de Sam Payo tenha porta alguma por onde poça entrar na mesma Igreja. E do ditto sitio vai partindo ademarcação e medição pello Campo da feira adiante em direitura ao Poente aface da Cappella mor da Igreja Matris desta freguezia que toda fica dentro em seus lemites e em linha recta vai dar ao sitio onde antigamente esteve o Pellourinho com tresentas e quarenta e duas varas que tanto há de distancia do ditto penedo que serve de marco the este sitio oqual que serve de marco por ainda nelle existirem os indicios do Alicerce do mesmo Pellourinho ficao estes fronteiros a Columna que deuide os dois arcos da entrada do paço do Concelho e distão da mesma Columna para o Norte oito varas e quatro palmos ficando dentro dos lemites de Sam Payo toda a referida extenção. E do ditto sitio onde esteve o Pellourinho vai partindo da amedição e demarcação em direitura ao Poente a procurar a rua direita e pello meyo della vai partindo ademarcação dar a estrada publica que vai para Ponte de Lima... etc.

<sup>1</sup> Ao seu bondosissimo commissario agradeço a facilidade da consulta d'este curioso documento e mais recentemente um extracto do Tombo. É o Rev.º José Pereira Rodrigues da Silva.

<sup>2</sup> Certamente haverá noutros archivos noticia mais precisa d'este facto; por agora não preciso recorrer a elles.

O sinodo reformista dos clérigos de 1593 reuniu-se em casa do rev.<sup>o</sup> Salvador Fernandes, *abbade da villa dos Arcos*, que não era certamente abba de Guilhafonxe; é esta a primeira referencia que conheço á nova parochia, que se chamava do Salvador da villa dos Arcos.

Entre pois 1541 e 1549 deve collocar-se a fundação do Salvador<sup>1</sup>; não existia portanto em 1258<sup>2</sup>.

## V

Vejamos agora para qual freguesia arranjou o amanuense a invocação de *S. Salvatoris d'Arcus*. Leve referencia já fiz a esta questão. É o exame dos nomes topicos que me vae guiar. Como atrás se pôde ver, são:

*Quintana de vilarinho,*

*Aldeya,*

*Erdade do Porto,*

*Outeiro.*

Ora, segundo informações que colhi de moradores da actual freguesia de Nossa Senhora do Valle (antiga S. Pedro dos Arcos), estes logares ainda lá subsistem<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Creio que desde logo a igreja de Guilhafonxe foi annexa do Salvador, como de menor importancia. É provavel que o aumento da população no logar onde já então era a villa, e o facto d'este logar ser um dos extremos de Guilhafonxe, distanciado da séde, foram os motivos da fundação da nova parochia.

<sup>2</sup> Quando eu revia os graneis d'este artigo, veio-me ás mãos, por zelo de um amigo, o fasciulo 31-32 (Julho-Agosto, 1905) do *Archivo Historico Portuguez*. Publica-se ali um documento (p. 243) que confirma indirectamente a minha averiguação, provando que em 1527 existia *San Pedro d'Arquos*. É um recenseamento de Entre-Douro-e-Minho, ordenado por D. João III. No paragrapho de *Vall de Vez* enumeram-se as freguesias respectivas com os seus moradores. Lê-se ahi: "... a povoação dos Arcos de Vez (sic) em que fazem as audiencias que ha nela com a mais «freguesia» per todos moradores, 36 moradores». É certo que não nomeia a freguesia de Guilhafonxe, que aliás já existia, mas, destacando a povoação dos Arcos (a esse tempo já villa) e mais freguesia com o censo de 36 moradores (fóra mancebos solteiros) deve entender-se que o recenseador só cuidou do nome com que era conhecido o local da povoação, desprezando o da séde da freguesia, a que aliás se referiu.

<sup>3</sup> Entre os jurados, nas Inquirições, de S. Pedro dos Arcos e da sua vizinha S. Jorge, vêem-se alguns nomes das mesmas pessoas, o que, á falta de outras razões, se harmoniza com a contiguidade. Assim o *prelado* (prior) de S. Jorge foi *Petrus monachus*, monge que tambem jurou em S. Pedro; *Martinus Petri* e *Petrus Petri* são tambem testemunhas que juraram em ambas as *collationes* vizinhas, S. Jorge e S. Pedro (feita a emenda de S. Salvatoris, que, a existir, nunca seria vizinha de S. Jorge).

O facto de se averiguar que a freguesia do Salvador é de criação recente, não podendo existir no tempo de D. Affonso III, foi positivamente o indício que me revelou o erro das Inquirições, commettido pelo amanuense numa epoca que não póde, segundo o conceito dos eruditos compiladores do *Port. Mon. Hist.*, ser anterior a D. Affonso IV.

Depois esta minha suspeita confirmou-se com as razões que tenho exposto e ainda com a circumstancia seguinte:

Fallam as Inquirições neste *Item* litigioso, que é o 26.º, no mosteiro de Armelo (diz-se hoje Ermello), informando que foi na *collatione S. Salvatoris* (aliás *S. Petri*) que D. Affonso I o coutou e que mais tarde o abbade e os monges se foram para o «logar que chamam Armelo». Como já vimos, o documento diz que este mosteiro fôra fundado e dotado pela mãe de D. Affonso I, mas ficara incompleto e no estado em que se encontrava no tempo de D. João I. Estabelecera a rainha que se o mosteiro se «nom podesse manter asy por guerras como por mortindade, como por outra qualquer guisa, que seja que se tornasse a Sam Pedro Darcos que he no julgado de Val-de-vez»<sup>1</sup>.

Ora sabe-se pelos documentos e noticias que se encontram no Tombo da igreja de N.ª Senhora do Valle (*olim* S. Pedro Darcos), que estas duas freguesias, Ermello e Valle, andaram sempre unidas, uma anexa da outra; era pois para suspeitar que as Inquirições, tratando do primitivo assento do mosteiro de Ermello, quisessem referir-se a S. Pedro Darcos e não ao presupposto Salvador, que aliás encimava o parographo, mas que nem existia<sup>2</sup>.

A distracção do copista que, em tempos não anteriores a D. Affonso IV, trasladou as Inquirições de 1258, explicar-se-ha talvez pela frequencia com que apparecia nas cabeças dos depoimentos o orago Sancti Salvatoris. Mas que houve erro de copia, não soffre duvida.

## VI

### Considerações graficas

Prefiro a grafia *Guilhafonxe* a *Guilhafonche*, porque a pronuncia popular não dá neste caso som explosivo, como daria se devesse es-

<sup>1</sup> Ermello ficava já no julgado do Soajo, vizinho de Valdevêz.

<sup>2</sup> A referencia á fundação de Ermello por D. Tereja no documento de 1368 é a que me parece mais exacta, não só porque esse documento é uma carta de D. João I a D. Fr. João Martins, abbade de S.ª Maria de Ermello, carta em que se referem as palavras e allegações d'aquelle monge, que pretendia o aumento do seu mosteiro com as igrejas do Suajo e Britello, para não acabar á mingua

crever-se com *ch*; até me parece ter já ouvido *Guilhafões*; pelo menos o *e* final é muito pouco perceptível, e a *on* dá-se o valor de *õe*.

Quanto á etimologia da palavra, não tenho competencia que me permita expor opinião fundada na glottologia. Nestes assuntos, em que tão facil é deixarmo-nos levar nos vôos da fantasia, como a cada passo a gente admira, o bom criterio aconselha cautela e prudencia. Os competentes dirão com autoridade. Ao que devo pois limitar-me, é a confrontos com palavras aparentadas e á historia do termo.

No nosso onomastico não são raros os denominativos que começam por *Guilh-*, e a esses é-lhes assignada etimologia scientifica. Ha por exemplo: *Guilhade*, de *Viliati* (*Viliatus*); *Guilhufe*, de *Viliulfi* (*Viliulfus*); *Guilhabreu*, de *Viliabredu* (gen.?). Podem ver-se no *Arch. Port.*, v, 297; iv, 208; ii, 261; *Guilhamil* e *Guilhomil*, de *Viliamiri* (*Viliamirus*). (Vid. *Nomes de pessoas e nomes de logares*, por Pedro A. de Azevedo, pp. 3 e 5). São nomes pessoas de natureza germanica, em genitivo, por designarem a posse ou dominio de determinado territorio. (*Villas do norte de Portugal*, por A. Sampaio, in *Portugalia*, p. 287).

No nosso caso, é evidente que se trata do mesmo facto etimologico; a origem de *Guilhafonxe* poderá ser um *Viliaf-*.

Quanto á segunda parte: se a terminação é realmente *e* mudo, póde corresponder a uma terminação em *i*, o que se póde verificar nos dois primeiros exemplos, alem de outros, e então teriamos um nome de Germano, *Viliafonsi*; se porém a pronuncia exacta é *Guilhafões*, a syllaba final explicar-se-hia por *-ones*, ou *-onis* (assim de *Quifones*—*Guifões*; o *Arch. Port.*, iv, 320); esta ultima hypothese parece porém menos provavel, porque do que deve tratar-se, neste caso, é de um genitivo que denote dominio na epoca da reconquista. O erudito investigador, Sr. Pedro A. de Azevedo, no eserito supracitado diz que *Vilifonsus*, nome germanico, dá *Galifonxe*, *Guilhafonce* e *Guilhafonso* (p. 5)<sup>1</sup>.

No «Catalogo dos pergaminhos existentes no Archivo da R. e I. Collegiada de Guimarães» (*Arch. Port.*, ix, 88) vem o nome de *Guerre Wilifonsi* (1158), português de linhagem neo-gotica, cujo homo-

de monges, mas ainda porque é concorde a das Inquirições de D. Affonso II (1220) nos *Port. Mon. Hist.*, nos *Bens das Ordens*, pag. 236: De Sancto Martino de Britelo. . . . Et ista ecclesia habet. . . . Monasterium de Ermelo ij casalia et quantum regalengum ibi est, quia dedit ei Regina domna Tarasia de vetero.

<sup>1</sup> No documento de data certa mais antiga, escrito em português, o *s* alterna com *x*: assim *Creisemil* e *Creiximil*. O documento é da E. 1230 e do cartorio de Vairão. (Vid. *Dois textos portuguezes da idade media*, por J. Leite de Vasconcellos, p. 3).

nimo possuiu uma villa lá para as montanhas de *Valle de Vice*. Creio que phoneticamente não haverá que oppor a estar neste onomastico a etimologia do tópicó Guilhafonxe<sup>1</sup>. E não falta no termo da antiga freguesia um logar de *Fundevilla*<sup>2</sup> a demonstrar que alli existiu uma villa (no sentido medieval) pertencente a um *Wilifonsus*. Como em todos os outros casos, o genitivo *Wilifonsi* ou talvez *Wiliafonsi* transformar-se-hia em Guilhafonxe, subentendendo-se *villa*.

Na Beira-Alta ha tambem *Guilhafonso*.

Guilhafonxe tambem tem a sua etimologia literaria ou literario-popular, mas inaceitavel, como aliás quasi sempre. Desde o sec. XVIII pelo menos (em 1768 é o primeiro caso que conheço) começou de adoptar-se a grafia *Villafonche*, assim commentada:

Villafonche de *Villa-foi-se*, pois que é tradição que a *villa* foi em tempos antigos naquella freguesia e, porque veio mais tarde a abandonar o primeiro ninho, quizeram as bocas que se perpetuasse o successo nesta concisa apostrophe da Historia: *A villa foi-se!* Tanto assim se bradou em lamentos de saudade, que, como um epitafio indelevel, a historica nomeada estampou-se nos áditos da região. Falam em *villa*, é claro, no sentido que hoje tem. Ora o caso verdadeiro é que a villa não se foi de onde era, nem de parte alguma, mas apenas mudaram de parochia os seus fregueses, isto é, cerceada a Guilhafonxe, cuja séde lhe ficava distante, passou a pertencer entre 1541 e 1549 a uma nova parochia: a do Salvador. Este é o obice historico para aquella etimologia; agora o obice phonetico é que, apparecendo conformemente

<sup>1</sup> *Wilifonsus* tambem não escapa á decomposição philologica. Em o fasciculo cxxlix dos *Sitzungsberichte der Kais. Akad. der Wissenschaften in Wien* (1904) indicou-me o erudito conservador da Torre do Tombo, o Sr. Pedro de Azevedo, um estudo de Wilh. Meyer-Lübke sobre *Die altportugiesischen Personennamen germanischen Ursprungs* (Os antigos nomes portugueses de pessoas, de origem germanica) onde se lê que o primeiro elemento d'aquelle nome proprio é *vilja*, que no allemão moderno corresponde a *wille* (vontade), e o segundo procede de *funs*, que significa *bereit* (pronto). E eis como a humilde parochia de Guilhafonxe guarda, na sua linhagem da mais remota e distincta ascendencia, as derradeiras recordações de algum guerreiro das selvas da Germania, em o nome do qual resoava a fama do seu proprio valimento «pronto de vontade», «vontade pronta» e que de seculo em seculo perpetuou a sua memoria até ao medieviso descendente, que, agradando-se d'aquellas nossas ferteis encostas, encarnou para sempre nellas a gloriosa alcunha da sua estirpe! É a historia escrita por si mesma na infallibilidade das cousas.

<sup>2</sup> As Inquirições de 1238 falam num casal de *Cima de Villa*, que hoje pertence a Prozello. O outro logar hoje é de Parada, freguesia mais moderna, mas tambem bastante antiga.

nos documentos mais antigos *Guilifonxi*, em caso algum *villa* podia transmudar-se em *guilha* (*Arch. Port.*, iv, 208), creio eu, ainda mesmo que houvesse memoria de *villa* no sentido de casal ou quinta com moradia, que é o sentido em que se encontra aquelle termo, quando associado ao nome de um possuidor neo-godo.

Devemos pois considerar errada grafia a de *Villafonche* (pois não se explica *fonche* ou *fões* por *foi-se*) e muito mais a de *Villafoisie*, como alguns praxistas contemporaneos querem por ainda mais afinada.

Como illustração do assunto, devo acrescentar que, entre os tópicos portuguezes, ha mais um lugar de *Guilifonxi* em S. Tiago de Cepães (*Inquirições de Affonso III*, p. 312) e um casal de *Fonxi* em S. João de Villa Chã.

Quanto ao nome da villa, é indubitavel, pela prova dos documentos transcritos, que este nucleo de povoação se chamou logar dos *Arcos* ou *Arquos*, pelo menos desde 1258<sup>1</sup>, e o nome pois ficou á villa de 1518, como vimos. *Arco* e *Arcos* são muito frequentes em o nosso onomastico; não parecem mais que singular e plural do nome commum derivado do lat. *arcus*. Segundo o parecer D'Arbois de Jubainville, *Arcos* porém já era nome preromano de homem, exemplificado em inscrições da Hispania<sup>2</sup>. Seria esta uma alta linhagem para a minha terra, se lh'a não disputasse, com melhor razão, o facto de se empregar sempre o artigo *os* antes de *Arcos*, o que indica que se trata de um nome originariamente commum, e não proprio.

A segunda parte *Valdevêz* apparece nos documentos mais antigos *Valle de Vice*, e diz Viterbo (*Elucid.*, s. v. *Valdeveis*) que viu tambem *Vale de Vico*. Não haverá erro de leitura? Aqui não ousou relacionar o *vice* com *vici* (de *vicus*) (Vid. Du-Cange, s. v. *Vicus*) que daria *viz* e não *vêz*. Foi este mesmo etimo, que das bandas de lá do *Minus*,

<sup>1</sup> A doação de D. Teresa (iv) fala já em *S. Pedro Darcos*; esta freguesia era contigua a *Sampaio Darcos*. Portanto *Arcos* era nome localizado naquella região. Parte do logar propriamente dos *Arcos* pertencia a Sampaio. Note-se ainda que duas freguesias limitrofes tinham este restrictivo *Darcos*. Deante d'isto, caem as varias explicações que se tem arranjado, algumas até em conflicto com a historia. Nos limites de S. Paio e S. Pedro (Valle) ha um sitio chamado *Chã d'Arcas*, onde topei mamôas (*Arch. Port.*, viii, 8 e 9).

<sup>2</sup> Foi este *Arcos* que entrou como elemento de *Arcobriga* (castello ou fortaleza de *Arcos*), com o qual nome se conhecem duas povoações na geografia romana da peninsula: uma na Celtiberia de Ptolemeo (hoje *Arcos-de-Medina-Celi*); outra, não identificada na mesopotamia estraboniana do Tejo e Guadiana. («Les Celtes en Espagne», par D'Arbois de Jubainville in *Revue Celtique*, xv, p. 17, e *Religiões da Lusitania*, por J. Leite de Vasconcellos, ii, pp. 19 e 249).

deu *Vigo*. Do assento da villa, embora por ser um pequeno e tentador cabeça, que o rio de Vêz (assim leio nos papeis velhos) abraça num graciosissimo flexo, nunca emergiram restos archaicos de primitiva habitação, mas quem sabe dos que os alicerces da casaria occultam?...

Sobre a preferencia de *Valdevêz* a Valle do Vez, isso é para me acotovelar com os antigos que sempre assim escreveram e com Herclano, que os lia com olhos attentos.

Por fim, sendo *Arcos* uma denominação vulgar na toponimia, tornava-se necessaria a restricção de *Valdevez*, nome que designava o que territorial e administrativamente se chamava (não *terras*) *terra de Valdevez*, isto é, *judicato de Valle de Vice*.

\*

Em conclusão, creio ter demonstrado o seguinte:

1.º A freguesia do *Salvador* não existia no tempo das *Inquirições* de D. Affonso III, porque foi criada no seculo XVI;

2.º A menção d'ella que naquelle documento se faz, é errada, querendo referir-se ás *Inquirições* á freguesia de *S. Pedro d'Arcos*, existente de mais antigos tempos;

3.º A freguesia do *Salvador* é um desmembramento da antiga *Guilhafonxe*, desmembramento que incluiu a villa dos *Arcos de Valdevêz*;

4.º Antes d'este facto, *Guilhafonxe* e *Sampaio* eram limitrofes; depois d'elle, interpôs-se-lhes o *Salvador*, que ficou limitrofe de *Sampaio*, onde o era *Guilhafonxe*; é a estas duas freguesias que pertence a villa e séde actual do concelho;

5.º As etimologias até agora dadas para *Guilhafonxe* e *Arcos de Valdevez* são todas inexactas, á luz da moderna onomatologia e dos factos historicos.

Junho de 1905.

FELIX ALVES PEREIRA.

### Onomastico medieval português

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, x, 138)

*Farana*, geogr., Era. 1282. Doc. apud. Figanière, Memor. das. R. de Portugal, p. 247.

*Farão*, villa. Chr. da conq. do Algarve. S. 420.

*Farazes*, app. familia, sec. xv. S. 345.

*Farazom*, geogr., 1258. Inq. 532, 2.ª cl.—S. 346.

